

A SEMÂNTICA LEXICAL E O PONTO DE VISTA (AUTO)ETNOGRÁFICO DE UM PROFESSOR DE LIBRAS SURDO

Lexical Semantics and The (Auto)ethnographic Perspective of a Deaf Libras Teacher

DOI: 10.14393/ LL63-v42-2026-33

Ademar Miller Junior¹

Resumo: Este texto oferece uma análise autoetnográfica da trajetória de um docente surdo no universo do ensino de Libras, com ênfase na Semântica Lexical. A investigação tem como ponto de partida a jornada pessoal e a atuação profissional do autor, evidenciando de que maneira a identidade surda, a comunicação por meio de sinais e a integração à comunidade surda impactam na elaboração de sentidos lexicais em Libras. A metodologia empregada prioriza a dimensão visual-espacial, a utilização da língua de sinais enquanto manifestação cultural e o conhecimento especializado de professores surdos no campo da linguística surda, sob a ótica da Semântica Lexical.

Palavra-chave: Autoetnografia, Semântica Lexical, Ensino de Libras e professor surdo.

Abstract: This text presents an autoethnographic analysis of the trajectory of a deaf teacher in the field of Brazilian Sign Language (Libras) education, with an emphasis on Lexical Semantics. The investigation takes as its starting point the author's personal journey and professional practice, highlighting how deaf identity, communication through signs, and integration into the Deaf community influence the construction of lexical meanings in Libras. The methodology employed prioritizes the visual-spatial dimension, the use of sign language as a cultural manifestation, and the specialized knowledge of deaf teachers within the field of Deaf linguistics, from the perspective of Lexical Semantics.

Keywords: Autoethnography, Lexical semantics, Libras teaching, Deaf teacher.

Introdução

Para quem está começando a explorar a ligação entre a linguagem e o pensamento, ter uma noção básica de Semântica Cognitiva é fundamental. Este texto aborda a forma como construímos e interpretamos o significado, analisando os mecanismos da mente e o uso do saber em diferentes situações. A Semântica Cognitiva, ao valorizar o contexto e a nossa capacidade de ponderar, demonstra como a linguagem reflete o que vivemos e as relações que estabelecemos, inclusive na fala e na comunicação por sinais. O modo como entendemos

¹ Professor de Libras no Curso de Bacharelado Letras-Libras a Universidade Federal do Espírito Santo e Doutor no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia.
Contato: <ademar.miller@ufes.br>

e usamos a linguagem é diretamente influenciado por nossas vivências e pelo que aprendemos ao longo da vida.

A autoetnografia, sobretudo quando realizada por professores surdos de Língua Brasileira de Sinais (Libras), traz um ponto de vista precioso para a pesquisa em Semântica Cognitiva. Essa abordagem possibilita examinar vivências individuais e aspectos culturais, aprofundando o entendimento acerca da existência e da comunicação das pessoas surdas. Por meio do relato da própria história, pesquisadores surdos conseguem investigar e divulgar seus percursos de vida, registrando dificuldades e superações em espaços onde a maioria é ouvinte. Tais relatos expõem obstáculos como a ausência de tradutores de Libras e o isolamento social, além de enfatizar instantes de força e auxílio mútuo.

Strobel (2008) defende que dar o devido valor às pessoas surdas que se comunicam em Libras e em português é fundamental para que se compreenda a fundo suas vivências e o que acontece em suas jornadas de aprendizado. A autoetnografia surda, usada como forma de pesquisa, explora a organização e o modo de funcionamento da língua de sinais, auxiliando na avaliação aprofundada da Semântica Cognitiva. Tal maneira de ver as coisas mostra o peso da comunicação, da facilidade de acesso e da inclusão na educação e na sociedade, incentivando uma nova forma de pensar sobre o grupo de pessoas surdas. Casos de autoetnografia surda podem ir do ensino para crianças pequenas até a universidade, encarando questões espinhosas como a escassez de materiais de estudo em Libras e o preconceito.

Aprovada em 2002, a Lei de Libras representou um avanço considerável, mas ainda temos um longo caminho para tornar a educação inclusiva uma realidade completa no Brasil. Registrar e examinar essas vivências por meio da autoetnografia não apenas reconhece o valor da comunidade surda, mas também fortalece a pesquisa acadêmica em Semântica Cognitiva, ao investigar temas como bilinguismo, aprendizado da língua, metáforas na mente e estruturas da gramática.

A junção da Linguística Cognitiva com a autoetnografia abre caminhos para investigações que buscam entender de que maneira as vivências individuais de pessoas surdas moldam seus processos mentais e de linguagem. Dentro desse contexto, surge a questão de como conectar a língua de sinais a temas cruciais como o bilinguismo, o

aprendizado da linguagem, as metáforas que estruturam o pensamento e as construções da gramática, conforme proposto por Lakoff e Johnson (1980).

A criação de uma autoetnografia abrange uma variedade de assuntos, e cada indivíduo surdo encontra sua própria maneira de abordar e apresentar um tema. Isso envolve compreender o propósito da pesquisa, demonstrar os métodos empregados e, principalmente, concentrar-se na seleção de um tema relevante. Alguns exemplos incluem a educação de surdos, a dinâmica familiar envolvendo pais ouvintes ou surdos, questões relacionadas a drogas e alcoolismo, o enfrentamento do preconceito, e as complexas relações interpessoais, sejam elas heterossexuais, homossexuais, bissexuais ou outras formas de conexão com indivíduos ou grupos, todas fundamentadas em características compartilhadas. Essa abordagem possibilita explorar a compreensão das emoções de uma pessoa, desde a narrativa pessoal até a investigação no âmbito acadêmico.

Assim, a autoetnografia no contexto da surdez se mostra um recurso valioso para registrar, examinar e divulgar as nuances da existência surda, fomentando o reconhecimento e a integração dessa comunidade no tecido social. A junção da Linguística Cognitiva com a autoetnografia possibilita investigações sobre como as vivências individuais dos surdos podem moldar os mecanismos cognitivos e linguísticos. Questões cruciais como a conexão com a língua de sinais, o bilinguismo, o aprendizado da linguagem, as metáforas conceituais e as estruturas gramaticais podem ser exploradas.

1 Semântica Lexical: atributos cognitivos para um Estudo Etnográfico

Para desvendar a conexão entre a língua e a mente, a Semântica Cognitiva e a Semântica Lexical se revelam cruciais, sobretudo para um docente surdo de Libras. A Semântica Cognitiva investiga a criação do sentido via mecanismos mentais e situacionais, analisando o impacto da língua na nossa forma de pensar e perceber a realidade. Essa perspectiva valoriza o papel das vivências pessoais e do saber prévio na construção do significado, mostrando a força das trocas sociais e culturais na comunicação.

A Semântica Lexical dedica-se a examinar as palavras e seus sentidos, buscando entender a organização e o emprego dos termos no vocabulário de um idioma. Essa área se

debruça sobre a estrutura e as relações entre as palavras, além das nuances de significado que surgem nos diversos contextos em que são usadas. No contexto da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Semântica Lexical é essencial para entender a criação, a interpretação e o uso dos sinais pelos surdos em suas conversas cotidianas.

Ao explorarmos a autoetnografia com professores surdos de Libras, notamos um grande aprimoramento da teoria, já que ela traz um ponto de vista individual e diferenciado sobre a educação e a comunicação de surdos. Por meio desse método, os próprios surdos podem registrar e examinar o que vivenciam, oferecendo informações relevantes sobre como a língua funciona e como o sentido é criado em certas situações. A autoetnografia enfatiza o quanto importante é o meio sociocultural para a criação de sentido e a leitura das palavras, mostrando como a cultura e as vivências afetam a maneira como entendemos e usamos a língua.

Cada indivíduo surdo possui uma trajetória repleta de vivências únicas, muitas vezes não documentadas. Este trabalho busca oferecer aos educadores de Libras um relato autoetnográfico sob a ótica de um professor de Libras, que também é um universitário surdo. Ele compartilha as dificuldades diárias e os preconceitos enfrentados, revelando sua constante luta pela inclusão social e pelo direito de expressar-se em Libras. A autoetnografia, enquanto método de pesquisa qualitativa, permite analisar um fenômeno cultural e social a partir da experiência pessoal do pesquisador. Através da autoetnografia, exploram-se vivências, opiniões e obstáculos individuais dentro de um contexto cultural abrangente. Métodos etnográficos são utilizados para investigar como essas perspectivas afetam as interações sociais, a interpretação da cultura e a posição do indivíduo na sociedade, promovendo assim um entendimento mais completo e pessoal do fenômeno em questão.

A Linguística Cognitiva oferece uma forma de examinar como a língua é utilizada, capturando a perspectiva individual de cada falante, o que se mostra útil ao registrar a comunicação de um indivíduo surdo que se expressa por meio de sinais. Através desta investigação, ainda que os resultados sejam preliminares, já se observa que os desafios enfrentados pelos sujeitos surdos exercem influência significativa em suas trajetórias nos âmbitos pessoal, profissional e educacional. A “etnografia surda” se concentra no estudo da cultura e da comunidade surda, imergindo em suas vivências para melhor compreender suas

experiências, pontos de vista, crenças, idiomas, senso de identidade e costumes. Os estudiosos que se dedicam à etnografia surda, geralmente com domínio das línguas de sinais, procuram desvendar o dia a dia, as relações sociais e as questões que afetam os surdos, expondo a riqueza e a complexidade da cultura surda e lutando contra o preconceito e a discriminação, conforme apontam Agar (1996), Gee (2014) e Tannen (2007).

O estudo das línguas é crucial para quem explora a fundo a Linguística e, em particular, a Semântica Cognitiva, foco desta investigação sobre a Semântica Lexical. Essencial para compreender ideias como a autoetnografia e a conexão intrínseca entre a linguagem e a Semântica Cognitivo-Lexical. Este domínio investiga a forma como os indivíduos surdos apreendem e dão sentido à sua língua materna, observando a relação entre o português e a Libras. Adicionalmente, analisa vivências sensoriais, intelectuais e culturais dos surdos, e de que maneira estes aspectos moldam a sua percepção e emprego da linguagem.

O estudo aprofunda-se nas estruturas do pensamento, no português e na Língua Brasileira de Sinais, nos impactos da cultura e da sociedade, nas diferenças de entendimento do sentido, e em outros assuntos. A conversa com estudantes e docentes é essencial para aprimorar a criação de saber, respeitando cada ponto de vista dos alunos e incentivando a comparação entre o português e a Libras para a comunicação na classe. Para além do português, o uso inventivo e espontâneo de qualquer língua é encorajado nas aulas, tornando o aprendizado mais prazeroso. A análise da Semântica Cognitiva requer uma visão que une diversas áreas e uma busca incessante sobre a formação e a interpretação do significado pelas pessoas.

O estudo da Semântica Cognitiva no campo da linguística não se dedica a temas de saúde. Em vez disso, ele foca em aspectos semânticos ligados ao modo como as pessoas categorizam as coisas. Percebe-se que a Semântica Cognitiva evoluiu ao inserir a habilidade humana de se comunicar em várias situações sociais.

Segundo Lakoff (1970) e Langacker (1966), a essência da linguagem reside no seu significado, o que implica que a língua é encarada sob uma determinada ótica. As correntes teóricas cognitivas e linguísticas que foram apresentadas são de suma importância para a compreensão do modo como o intelecto humano lida com a linguagem e como essa dinâmica se reflete na Língua Brasileira de Sinais (Libras). A autoetnografia será um recurso valioso na

investigação destas questões, possibilitando a integração da minha vivência pessoal como indivíduo surdo no contexto brasileiro. Tal abordagem não apenas confirma as teorias estabelecidas, como também desbrava novos horizontes de pesquisa.

Ao entrelaçar a Semântica Cognitiva e a Semântica Lexical com um olhar autoetnográfico, surge a chance de refinar o entendimento dos mecanismos cognitivos e linguísticos presentes na comunicação em Libras. Essa união teórica viabiliza investigar temas cruciais como o bilinguismo, o aprendizado da língua, as metáforas na mente e as estruturas da gramática, oferecendo uma perspectiva completa e diversificada sobre a Semântica Lexical no âmbito do ensino de surdos.

Sendo assim, a fundamentação teórica desta pesquisa se desenvolverá na confluência entre a Semântica Cognitiva, a Semântica Lexical e a autoetnografia, proporcionando um exame minucioso e situado da linguagem e do sentido sob a ótica de um docente surdo de Libras. Tal maneira de encarar o tema viabilizará não só o reconhecimento e a integração da comunidade surda, como também o progresso na compreensão acadêmica acerca do elo entre linguagem, intelecto e cultura.

2 Semântica Lexical e a Leitura Autoetnográfica Linguística

A Semântica Lexical, um ramo da linguística, investiga o sentido das palavras e suas conexões dentro da estrutura de uma língua. Essa área se mostra crucial para entender como as pessoas entendem e decifram o significado das palavras em variadas situações. Já a leitura autoetnográfica é uma abordagem qualitativa que junta a história pessoal com a análise cultural para examinar as vivências pessoais em relação a temas culturais. Neste artigo, vamos examinar como a Semântica Lexical pode ser utilizada na leitura autoetnográfica linguística, ampliando a nossa percepção sobre as vivências culturais e pessoais.

A Semântica Lexical, conforme apontado por Ullmann (1962), investiga de que maneira as palavras ganham forma no nosso vocabulário mental. Ela busca entender como guardamos seus significados e de que forma as conexões entre os termos impactam nossa habilidade de entender e usar a linguagem. Dentre os pontos chave da Semântica Lexical, destacam-se: **(a) Polissemia e Homonímia:** polissemia refere-se a uma única palavra com múltiplos significados relacionados, enquanto homonímia se refere a palavras que são iguais

na forma, mas diferentes em significado. **(b) Relações Semânticas:** inclui sinônimos (palavras com significados semelhantes), antônimos (palavras com significados opostos), hipônimos (subconjuntos de um grupo maior) e merônimos (partes de um todo). **(c) Campos Semânticos:** grupos de palavras relacionadas por seu significado, formando redes de conceitos que facilitam a compreensão do léxico.

Converter textos do português para a Libras é uma tarefa desafiadora, que exige uma reformulação completa para se adequar à natureza visual e às regras gramaticais próprias dessa língua. A organização das palavras em Libras frequentemente se distancia daquela usada no português, uma vez que a clareza visual é o elemento primordial. É fundamental reconhecer que a Libras opera com uma gramática e sintaxe singulares, e que as transcrições escritas funcionam meramente como um auxílio superficial, visto que a comunicação efetiva se manifesta por meio de sinais manuais e expressões do rosto.

Dentro de Libras, há várias relações semânticas que se estudam para entender como os sinais se relacionam entre si. Essas relações incluem:

1. **Sinonímia:** Refere-se a sinais que possuem significados semelhantes. Por exemplo, os sinais para "belo", "bonito", "maravilhoso", "encantador" e "querido" são considerados sinônimos.
2. **Antonímia:** Trata dos sinais com significados opostos. Exemplos incluem "pequeno" e "grande", "fino" e "grosso", "comprar" e "vender".
3. **Hiponímia:** Envolve relações hierárquicas entre sinais. Por exemplo, dentro da categoria de frutas, temos os sinais para "maçã", "banana", "uva" e "goiaba".
4. **Polissemia:** Refere-se a um sinal que possui múltiplos significados. Exemplos incluem o sinal de "loiro" que também significa "amarelo", "jacaré" que também significa "Recife", e "sentir" que também significa "Bahia".

Adicionalmente, existe a homonímia, que examina sinais com aparências idênticas, embora possuam significados distintos. Diferenciar polissemia de homonímia é essencial para perceber a ambiguidade e a clareza na interação em Libras. A percepção dessas ligações semânticas torna-se vital para simplificar a comunicação e a interpretação entre Libras e o português, impulsionando um conhecimento mais aprofundado da língua e das suas particularidades.

É comum que as pessoas se confundam com polissemia e homonímia, dois conceitos da língua, apesar de suas diferenças serem bem claras. A polissemia acontece quando uma palavra tem vários sentidos que se conectam entre si. Um bom exemplo é a palavra "ponto", que pode ser tanto um local físico quanto uma marca gráfica. Mesmo com sentidos distintos, todos compartilham uma base comum, que define a polissemia.

A homonímia, por outro lado, acontece quando palavras distintas dividem a mesma aparência, seja no som, na escrita ou nos dois, mas carregam significados totalmente diferentes e sem ligação. Pense na palavra "banco", que pode ser tanto a instituição financeira quanto o assento. Para entender o sentido correto, é crucial observar a situação, já que não existe uma conexão lógica entre essas ideias.

A polissemia mostra a variedade de significados que uma palavra pode ter, enquanto a homonímia ilustra como a língua cria palavras diferentes que, por acaso, soam ou se escrevem igual. Desse modo, ao analisar frases e textos, é essencial considerar o contexto para não haver confusões, tanto na polissemia quanto na homonímia.

Na leitura autoetnográfica, o pesquisador emprega suas vivências para examinar e compreender aspectos culturais extensos. Unindo autobiografia e etnografia, este método possibilita uma análise reflexiva e aprofundada. Os traços marcantes da leitura autoetnográfica são:

- Reflexividade: O pesquisador analisa criticamente suas próprias experiências e as contextualiza em estruturas culturais e sociais mais amplas.
- Narrativa Pessoal: Utiliza-se da narração de experiências pessoais para explorar temas culturais, sociais e históricos;
- Contexto Cultural: Examina como as experiências individuais são moldadas e influenciadas por contextos culturais específicos.

Integrar a Semântica Lexical na leitura autoetnográfica oferece uma abordagem rica e multifacetada para a análise das experiências individuais e culturais. Alguns benefícios dessa integração incluem:

- Análise Profunda do Significado: Utilizar conceitos de Semântica Lexical permite uma análise mais detalhada dos significados das palavras utilizadas nas narrativas pessoais, destacando nuances e relações semânticas que enriquecem a compreensão do texto.

- Contextualização Cultural: A Semântica Lexical ajuda a situar as palavras e expressões dentro de contextos culturais específicos, revelando como os significados podem variar de acordo com diferentes experiências culturais.
- Exploração de Redes Semânticas: Identificar e analisar campos semânticos dentro das narrativas autoetnográficas pode revelar conexões entre diferentes aspectos da experiência individual e cultural, proporcionando uma visão mais integrada e holística.

A análise do significado das palavras e o relato pessoal da própria cultura são áreas separadas, mas uni-las pode gerar percepções importantes sobre como a língua e a vivência cultural se conectam. Ao usar ideias da Semântica Lexical para examinar histórias autoetnográficas, podemos entender melhor as experiências de cada um e como a cultura as influencia. Essa junção ressalta o papel crucial da linguagem na criação e interpretação do que vivemos, oferecendo um recurso eficaz para estudos linguísticos e culturais.

Delbecque (2008) aborda a Semântica Lexical dentro do contexto mais amplo da Linguística Cognitiva. Aqui estão alguns pontos principais destacados pela autora sobre a Semântica Lexical:

- Significado e conceitos - enfatiza que o significado das palavras não é estático nem isolado, mas está intrinsecamente ligado aos conceitos mentais que os falantes associam a essas palavras. Isso significa que a Semântica Lexical não se limita apenas ao significado literal de uma palavra, mas também engloba as conexões e associações que os falantes fazem mentalmente.
- Imagem mental e categorização - discute como a Semântica Lexical está relacionada à formação de imagens mentais e à categorização de conceitos. Os falantes não apenas atribuem um significado a uma palavra, mas também constroem representações mentais visuais ou conceituais que auxiliam na compreensão e no uso dessa palavra.
- Construção de significado por meio de redes conceituais - argumenta que o significado de uma palavra emerge das redes conceituais mais amplas dentro das quais essa palavra está inserida. Essas redes são formadas por associações cognitivas entre palavras, conceitos e experiências sensoriais e emocionais dos falantes.
- Metáfora e metonímia - explora como os processos cognitivos como a metáfora e a

metonímia influenciam a Semântica Lexical. Esses processos permitem que os falantes compreendam e expressem significados de maneiras não literais, utilizando comparações e relações entre conceitos diferentes.

- Polissemia e polifonia - aborda a polissemia (a existência de múltiplos significados para uma palavra) e a polifonia (a multiplicidade de vozes e perspectivas na construção de significados). Esses fenômenos são fundamentais para entender como as palavras adquirem e mudam de significado ao longo do tempo e nas diferentes situações comunicativas.

Em suma, Delbecque (2008) enriquece nossa percepção da Semântica Lexical ao ressaltar como ela se molda e se adapta ao contexto, alinhada com a Linguística Cognitiva. A autora realça a união entre a língua, o raciocínio e as vivências sensoriais e conceituais das pessoas. Ela nos apresenta uma análise perspicaz da Semântica Lexical, evidenciando seu caráter evolutivo e dependente do contexto. Para Delbecque, o sentido das palavras não é fixo, mas surge das trocas cognitivas e culturais dos usuários da língua.

Portanto, a Semântica Lexical não se limita ao sentido direto das palavras, incluindo as ligações e ideias que definem como as entendemos. A autora investiga como a cognição, por meio de metáforas e metonímias, afeta a criação de significado, aprofundando a percepção das sutilezas e dimensões do sentido das palavras. Ademais, aborda questões como a polissemia (vários sentidos para uma palavra) e a polifonia (diversidade de perspectivas na formação de significados), realçando a complexidade e a vastidão da Semântica Lexical.

Sob outra ótica, o relato autoetnográfico de um educador surdo apresenta uma visão individual e cultural da Semântica Lexical. Tal abordagem possibilita ao professor surdo narrar suas vivências com a língua, demonstrando de que maneira sua condição de surdo afeta sua interpretação e aplicação das palavras. Na autoetnografia, o professor surdo tem a oportunidade de discutir as dificuldades específicas encontradas ao lecionar Semântica Lexical para estudantes surdos, bem como os métodos criados para contornar tais dificuldades. Estão inclusas modificações no currículo, utilização de materiais visuais e práticas de ensino que estimulem um entendimento completo do vocabulário.

Ao cruzarmos o estudo de Delbecque (2008) com o relato autoetnográfico de um

educador surdo, percebemos a Semântica Lexical como algo essencial, transcendendo a teoria. Ela surge como um recurso poderoso para a autonomia cultural, a comunicação, e o aprendizado de surdos. Essas visões complementares impulsionam abordagens pedagógicas mais atentas e integradoras, honrando a pluralidade linguística e cultural de cada um, em particular, dos indivíduos surdos.

3 Procedimentos Metodológicos

Em uma pesquisa etnográfica, a metodologia segue um padrão exigente e bem definido, com o objetivo de alcançar um entendimento aprofundado de uma cultura ou grupo social em particular, por meio de uma longa experiência de campo. O ponto de partida é a formulação clara do problema a ser investigado. É crucial delimitar precisamente o evento cultural ou social que será examinado e elaborar questões que orientarão a pesquisa. Logo após, torna-se imperativo conduzir uma análise bibliográfica, consultando estudos prévios sobre o tema e notando as áreas em que a pesquisa busca contribuir com novos conhecimentos.

Segundo Ellis (2004), definir o ambiente de estudo e conseguir entrar nele são passos muito importantes. Escolhe-se qual comunidade ou grupo será examinado, porém, aqui, por ser uma autoetnografia, não foi preciso pedir autorização nem falar com pessoas da comunidade. Mergulhar no campo significa ficar um bom tempo na comunidade, vendo e tomando parte no que acontece no dia a dia. Assume-se o papel de observador participante, tentando equilibrar o envolvimento nas atividades com uma análise crítica.

Na pesquisa autoetnográfica, a obtenção de informações é um ponto crucial. Busca-se examinar narrativas essenciais para documentar minuciosamente ações, trocas, costumes e hábitos de uma cultura. De acordo com Ellis e Bochner (2000), o conjunto de perguntas foi organizado para guiar o leitor a reflexões intensas sobre seus pontos de vista e vivências. Um registro diário do trabalho de campo é mantido, contendo pensamentos, descrições e apontamentos do cotidiano. Adicionalmente, juntam-se objetos e papéis importantes, a exemplo de imagens, gravações, textos e qualquer outro item cultural que amplie a interpretação do cenário analisado.

Ao trabalhar com dados, o processo inclui transformar as informações brutas, notando os assuntos principais, tendências e grupos que surgem. Também é crucial entender

o que esses dados significam, colocando-os em perspectiva com as ideias teóricas que guiam o estudo, conectando o que foi visto e dito com as ideias e teorias já estabelecidas. Para confirmar que as conclusões são sólidas, a triangulação é usada, comparando informações de origens diversas e usando variadas formas de coleta.

A produção textual etnográfica se manifesta por meio de um relato minucioso e repleto de detalhes, demonstrando a riqueza e a intensidade da cultura analisada. Depoimentos literais dos indivíduos envolvidos são inseridos para representar a perspectiva da coletividade. Avaliações ponderadas sobre a função do investigador e a influência da sua inserção no contexto também são consideradas, em concordância com a argumentação de Agar (1996).

É crucial verificar e confirmar as descobertas, apresentando-as para avaliação de outros especialistas e solicitando opiniões dos participantes da comunidade analisada. Com base nas sugestões obtidas, as interpretações e conclusões são revisadas e aprimoradas. Por fim, os resultados são divulgados e utilizados, sendo publicados em periódicos científicos, obras literárias e exibidos em eventos acadêmicos. Sempre que viável, os achados são socializados com a comunidade investigada, auxiliando na compreensão e no reconhecimento da sua identidade cultural.

A pesquisa autoetnográfica é um processo contínuo de aprendizado e adaptação, requerendo do pesquisador sensibilidade cultural, ética e um compromisso genuíno com a compreensão profunda do grupo estudado (Adams, Holman Jones e Ellis, 2014).

A autoetnografia, enquanto estratégia de pesquisa, representa uma abordagem qualitativa que entrelaça a investigação sobre indivíduos surdos, a narrativa autobiográfica surda e os princípios da etnografia surda. Através dessa metodologia, o pesquisador tem a oportunidade de aprofundar-se na vivência, trajetória, cotidiano e nuances do processo ao longo do tempo, contemplando também os aspectos culturais inerentes. Ao adotar essa perspectiva, torna-se viável desenvolver uma análise bibliográfica que leve em consideração a história e os obstáculos enfrentados por um indivíduo surdo, como a batalha em busca de educação, a dinâmica familiar, a inserção no mercado de trabalho, a vivência religiosa e a participação na comunidade surda, entre outras esferas. Essa análise reflexiva e memorialística contribui para o registro de relatos pessoais, sentimentos e as complexidades

da inclusão e exclusão, evidenciando a riqueza da experiência autoetnográfica.

A interpretação e a análise são de extrema importância, pois possibilitam o entendimento do ponto de vista do indivíduo surdo, conectando suas vivências com o conhecimento teórico e literário já consolidado.

1.1 Questões Importantes da Pesquisa

Esta pesquisa tem como foco principal examinar de que maneira as vivências de um docente surdo revelam os aspectos culturais de inclusão e exclusão presentes no contexto brasileiro. De modo específico, busco entender a relação desse professor com a educação voltada para surdos e o acolhimento da Libras pela comunidade surda. Pretendo ainda analisar como a capacitação em Libras pode impactar positivamente tanto a educação quanto as perspectivas profissionais de pessoas surdas, e de que forma isso pode construir um futuro no ensino superior e no âmbito profissional.

1.1.1 A minha autoetnografia

Nasci surdo devido à rubéola. Meus pais me levaram a um médico no Rio de Janeiro, que me diagnosticou com surdez. Aos três anos, comecei a frequentar uma escola oralista em Vitória, ES, onde o método utilizado visava desenvolver a competência linguística oral dos surdos, integrando-os ao mundo ouvinte. No entanto, ao observar outros surdos utilizando Libras, percebi que essa era uma forma eficaz de comunicação. Isso aconteceu quando eu tinha cerca de 7 ou 8 anos. Um encontro com um surdo que utilizava gestos para se comunicar foi um momento decisivo para mim, levando-me a aprender Libras e a valorizar sua importância na comunidade surda.

Durante minha educação fundamental e média em escolas particulares, não tive acesso a intérpretes de Libras. Ao ingressar no curso de Pedagogia em 2009, passei três meses sem intérpretes até que três foram disponibilizados. Em 2012, completei minha graduação em Letras Libras com professores que conheciam a língua, e em 2011, participei de um programa de intercâmbio na Universidade Gallaudet por seis meses. Concluí meu mestrado em Educação em 2013 e fui aprovado em um concurso federal na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) em 2014. Atualmente, estou cursando doutorado em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e realizo um doutorado sanduíche

na Universidade Gallaudet desde 2023.

1.1.2 Reflexões sobre a Autoetnografia

Este resumo de minha autoetnografia revela os desafios enfrentados no caminho da educação em Libras. A educação em Libras ainda enfrenta muitas dificuldades, especialmente devido à falta de apoio governamental nas esferas pública e privada. A educação brasileira está atrasada em relação à inclusão de surdos, e é necessário que surdos lutem pessoalmente para garantir um futuro melhor utilizando a língua de sinais.

Apesar da Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece Libras como meio legal de comunicação, a acessibilidade ainda é um problema significativo. A falta de intérpretes de Libras nas escolas e universidades é um obstáculo constante. A inclusão na educação de pessoas surdas no Brasil enfrenta desafios notáveis, indicando que a política educacional não está plenamente preparada para atender às necessidades dessa comunidade. A oralidade não é adequada para todos, e é crucial respeitar Libras como uma língua minoritária. Como estudante de doutorado em linguística, percebo a necessidade de aceitar e respeitar as perspectivas e a cultura surda. Agradeço à comunidade surda do Espírito Santo pelo apoio contínuo à língua de sinais, fundamental para nossa identidade. A metodologia autoetnográfica tem sido um recurso valioso para compartilhar conhecimento e lutar pela melhoria da educação para surdos, desde as escolas até as universidades.

Ainda há muito a ser feito para garantir a plena implementação da Lei de Libras e melhorar a acessibilidade educacional para surdos no Brasil. O estudo da Semântica Lexical em Libras é fundamental para entender como os significados dos sinais variam e se relacionam, enriquecendo a comunicação e a inclusão. A jornada para a acessibilidade em Libras é longa e cheia de desafios, mas a educação é a chave para derrubar essas barreiras. Espera-se que este trabalho inspire outros e pavimente o caminho para uma mudança duradoura na acessibilidade para surdos no Brasil.

No contexto específico, a autoetnografia é uma ferramenta excelente para investigar e documentar a própria história, abordando temas diversos como identidade, preconceito, inclusão e transformações sociais. Cada pessoa pode revisitar suas vivências, oferecendo

valiosas percepções sobre questões como religião, gênero, raça e política.

A autoetnografia possui um poder político significativo por utilizar a experiência pessoal como uma fonte legítima de dados para explorar aspectos culturais e sociais de uma comunidade. Este método dá voz a indivíduos frequentemente marginalizados em narrativas convencionais, permitindo uma compreensão mais profunda e empática de suas realidades. No entanto, é essencial que a autoetnografia seja conduzida com rigor ético, respeitando a dignidade e os direitos dos envolvidos. Dessa forma, pode-se revelar aspectos cruciais dessas experiências sem comprometer o respeito que cada indivíduo merece.

1.1.3 Breves resultados

Na dinâmica dessa conexão, a Semântica Lexical aborda a investigação do sentido intrínseco das palavras, abrangendo sua interpretação e emprego em variados cenários. No âmbito da capacitação de surdos, a Semântica Lexical assume uma posição essencial, auxiliando na assimilação e no desenvolvimento do léxico. Abaixo estão algumas das valiosas contribuições da Semântica Lexical para a alfabetização de surdos.

Entender o que as palavras querem dizer é fundamental para aumentar o vocabulário. A Semântica Lexical ajuda pessoas surdas a ligarem gestos ou termos escritos a ideias, tornando mais fácil aprender palavras novas.

Entender um texto, ou seja, captar o sentido das palavras dentro do que está escrito, é crucial para uma leitura completa. A Semântica Lexical auxilia pessoas surdas a entenderem o que está escrito, facilitando um entendimento mais rico do conteúdo. Usar uma linguagem que evidencie o quanto se sabe sobre o significado e o uso das palavras ajuda os surdos a empregá-las corretamente quando se expressam, tanto por meio de sinais quanto na escrita.

Otimizar a forma como nos comunicamos abre portas para investigar, dentro da Semântica Lexical, o emprego da linguagem que os surdos usam para se expressar melhor. Isso envolve selecionar precisamente os termos que traduzem seus pensamentos, emoções e anseios.

Ao explorar a Semântica Lexical, notamos sua influência no crescimento intelectual dos indivíduos surdos, auxiliando-os na estruturação e classificação de dados de maneira otimizada, o que impacta diretamente seu desenvolvimento cognitivo global.

Para concluir, o estudo do significado das palavras é crucial na educação de indivíduos surdos. Ele lhes oferece os recursos de que precisam para entender, empregar e adquirir vocabulário novo em sua língua, quer se trate da língua de sinais, da modalidade escrita, ou das duas formas combinadas.

4 Reflexões

Mesmo que a análise ainda não esteja completa, já que a investigação está em curso, é importante abordar uma questão tanto teórica quanto prática que exige uma análise cuidadosa do significado e do uso da Libras. Ao integrar os fundamentos da Semântica Lexical com o relato pessoal de um educador surdo, podemos ampliar nossa visão sobre a língua como algo dinâmico e com várias camadas. A Semântica Lexical transcende a teoria, servindo como um recurso valioso para o aprendizado, a interação e o fortalecimento individual e da identidade surda. Cruzando esses pontos de vista, podemos incentivar abordagens de ensino mais integradoras e eficientes, que reconheçam e honrem a pluralidade de idiomas e culturas de todas as pessoas, sem excluir a comunidade surda.

Referências:

Adams, T. E., Holman Jones, S., & Ellis, C.. **Autoethnography: Understanding Qualitative Research**. Oxford University Press. 2014.

Agar, M. **The Professional Stranger: An Informal Introduction to Ethnography** (2nd ed.). Academic Press. 1996.

BRASIL, **Libras e dá outras providências**. Brasília: Senado Federal, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso: 12 de dez de 2024.

BRASIL. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso: 12 de dez de 2024.

DELBECQUE, Nicole. **Linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem**. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

Ellis, C., & Bochner, A. P.. **Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject**. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research*. 2000.

Ellis, C.. **The Ethnographic I: A Methodological Novel about Autoethnography**. AltaMira Press. 2004.

Gee, J. P. **An Introduction to Discourse Analysis: Theory and Method** (4th ed.). Routledge. 2014.

Lakoff, G., & Johnson, M.. **Metaphors We Live By**. University of Chicago Press. 1980.

LEVIN, Beth. **English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation**. University of Chicago Press. 1993.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: Theories And Applications**. 4th edition, London/New York, Routledge, 2016.
p. 733-768..

QUADROS, Ronice Müller.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira - Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

TANNEN, D. **Talking Voices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse** (2nd ed.). Cambridge University Press. 2007.

ULLMANN, S. **Semantics: An Introduction to the Science of Meaning**. Blackwell. 1962.